

Interação social de um estudante com Transtorno do Espectro Autista na oficina de musicalização da Unicamp: um relato de experiência.

Comunicação

*Roger Vieira Cunha
Universidade Estadual de Campinas - Unicamp
rogervieirac@gmail.com*

Resumo: Este trabalho é um relato de experiência da interação social de um estudante com Transtorno do Espectro Autista através das Oficinas de Musicalização ofertada como projeto de extensão do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Serão explicitadas as dificuldades encontradas e como o planejamento das atividades musicais direcionadas auxiliaram para atingir os objetivos de interação desse aluno. Discorre, também, sobre como se deram os aportes teóricos dos professores sobre educação musical inclusiva - mas especificamente para crianças com Transtorno do Espectro Autista, fazendo um paralelo sobre a importância da inclusão do tema no currículo da licenciatura em música desta universidade.

Palavras-chave: Educação musical; Transtorno do Espectro Autista; Educação musical inclusiva.

Introdução

Neste trabalho, relatarei uma experiência de interação social de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) com crianças neurotípicas¹ nas Oficina de Musicalização da Unicamp na qual sou professor, fazendo paralelo com publicações recentes sobre o tema Educação Musical e Transtorno do Espectro Autista.

A Oficina de Musicalização da Universidade Estadual de Campinas - SP (Unicamp) é um projeto de extensão criado há 10 anos pela primeira turma do curso de licenciatura da universidade que, desde então, está sob coordenação da Professora Dr^a Adriana do Nascimento Araújo Mendes e tem como objetivo a prática pedagógica dos alunos de graduação e pós-graduação do curso. Nós professores atuamos de forma voluntária na

¹ o termo neurotípico é amplamente utilizado, principalmente nas publicações com o tema TEA , para identificar pessoas neurologicamente típicas, ou seja, sem nenhum transtorno neurológico.

iniciação musical de crianças e adolescentes de 6 a 12 anos. Na oficina, os alunos vivenciam as propriedades musicais através da escuta musical ativa, percepção dos aspectos rítmicos e melódicos com uso da expressão corporal e conceitos básicos da estruturação musical, desenvolvendo, assim, criatividade, ouvido musical, prazer de ouvir e fazer música, imaginação, memória, atenção, concentração, autodisciplina e respeito ao próximo. Quando preparados, vão para iniciação a instrumento como flauta doce e violão. Apoiamo-nos aos métodos ativos de teóricos como Émile Jacques-Dalcroze, Zoltán Kodály e Carl Orff que se contrapõem ao paradigma de que música é um dom e que é para poucos assim como nas teorias do desenvolvimento de Keith Swanwick.

Iniciei meu trabalho com esse grupo de professores no segundo semestre do ano de 2019, quando nos deparamos com a inscrição de um aluno com TEA. Porém, não faz parte do currículo de licenciatura em música dessa universidade a formação do professor para atender esses alunos. Segundo Figueiredo (2016, p 43), "o professor de música poderia estar melhor preparado para atuar em salas de aulas inclusivas se o ensino destas competências fosse incluído nos programas das universidades de música". No entanto, como eu já buscava uma capacitação alternativa e prévia sobre o tema Educação Musical e TEA, a coordenadora dessa extensão orientou que eu ficasse responsável por esse aluno - cada professor voluntário desse projeto tem um ou dois alunos em que lança um olhar mais individualizado e minucioso para atingir os resultados planejados.

Transtorno do Espectro Autista

O autismo foi descrito pela primeira vez em 1943 pelo Dr. Leo Kanner no artigo "Distúrbio autístico do contato afetivo". Em 1979, Lorna Wing e Judith Gould realizaram uma pesquisa em que nomearam como "tríade" os três desvios que caracterizam o autismo. São eles: *dificuldade de comunicação* por deficiência no domínio da linguagem, *dificuldade no uso da imaginação* para lidar com jogos simbólicos e *dificuldade de interação social* e padrão de comportamento restrito. Porém, somente em 2013, com a publicação do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição (DSM-V), foi usado o termo TEA para definir a amplitude desse transtorno neurológico englobando o autismo, síndrome de Asperger, transtorno desintegrativo da infância e transtorno global do desenvolvimento

sem outra especificação, em diferentes níveis de severidade e caracterizou o diagnóstico em dois domínios: 1) comunicação social e padrões de interesse e 2) comportamento restritos e repetitivos. Vale ressaltar que cada indivíduo pode apresentar várias ou só alguma das características dentro do espectro autístico (ASNIS; ELIAS, 2019, p 18-31).

Pouco se sabe sobre o que causa o TEA, mas acredita-se que pode ter influências genéticas, biológicas e/ou ambientais. O autismo geralmente é identificado até os três anos de idade e afeta, em média, 1% da população e quatro vezes mais os meninos do que as meninas. Estimativas apontam cerca de 500 mil pessoas com TEA no Brasil (ASNIS; ELIAS, 2019, p 16-17).

O estudante de música com TEA

Para BIRKENSHAW-FLEMING (1993), LOURO (2014), SANTOS (2018) e ASNIS; ELIAS (2019), as aulas de música são um recurso educacional no qual uma parte das pessoas com TEA apresentam bom desenvolvimento e interação. Nesse sentido, Pendeza e Dallabrida (2018, p 117) nos informaram que:

A partir de algumas pesquisas que já apresentaram conclusões acerca dos ganhos que a educação musical aplicada às pessoas com TEA traz, observa-se melhoras em: uso do corpo, interação social, autonomia, integração e alterações positivas na cognição, psicomotricidade, linguagem, socialização e melhora nas atividades da vida diária e ganhos significativos no desenvolvimento musical e geral e ampliação da comunicação, musicalidade ampliada e mudanças comportamentais, maior socialização e compreensão de conteúdos musicais, estimulação da área psicomotora enquanto também oportuniza a capacidade de expressão artística, maior interesse, oportunidade, superação de barreiras, conquistas e continuidade do processo de formação dentro da área da música, tomada de decisões e autonomia e aumento de respostas espontâneas e diminuição de comportamentos não funcionais.

A pessoa com TEA pode e deve se beneficiar de todos os conteúdos e possibilidades que a música abrange e potencializa. No entanto, no que diz respeito à sensibilidade ao som, ao ensinar uma música, devemos estar conscientes de alguns estudantes hipersensíveis e devemos ajustar a nossa escolha musical e/ou a intensidade sonora ou até mesmo as escolhas de instrumentos para essa aula, a fim de garantir que

todos fiquem confortáveis (BIRKENSHAW-FLEMING, 1993; ASNIS; ELIAS, 2019).

Planejamento das oficinas

Os planejamentos das aulas iniciaram duas semanas antes do primeiro encontro com os alunos, quando fizemos estudos bibliográficos e aplicamos, entre os professores, as atividades a serem realizadas naquele semestre. Após os inícios das aulas, os planejamentos ocorreram semanalmente, um dia antes da aula, nos quais analisamos a aula anterior e planejamos a próxima. Nossas aulas precisaram ser adaptadas transformando a teoria em algo concreto para que facilitasse o aprendizado desse estudante com TEA (ASNIS; ELIAS, 2019, p 50; FIGUEIREDO, 2016, p 42-43).

Segundo Louro (2014, p 346):

A educação musical foca seus princípios do desenvolvimento de habilidades cognitivas a partir de atividades sensório-motoras, baseadas nos parâmetros sonoros (altura, duração, intensidade, timbre e massa sonora). Dentro da educação musical essas questões são trabalhadas através do corpo, com atividades específicas que associam gestos e movimentos a conceitos musicais, criando um link entre corpo, linguagem e abstração. Sendo assim, a educação musical pode colaborar para o desenvolvimento de linguagem, comunicação, e tomada de decisões de pessoas com TEA.

Foi, então, de suma importância os planejamentos das atividades que envolvessem vários aspectos do desenvolvimento para que a aprendizagem musical e a interação desse estudante com TEA fosse alcançada. Lembrando que “a música colabora no desenvolvimento do aparato sensorial e na socialização quando é utilizada em atividades em grupo” (LOURO, 2014, p 346).

O estudante com TEA nas oficinas de musicalização

Definido o planejamento, iniciamos nossas aulas. Sempre chegávamos antes para arrumar a sala e deixá-la livre de cadeiras para maior mobilidade dos estudantes. A primeira atividade foi um jogo para apresentação do grupo, em que formamos uma roda e utilizamos uma bola. O aluno que estivesse com ela [a bola] se apresentava para o grupo e jogava para um colega que a recebia e se apresentava, e assim sucessivamente - trabalhando aspectos

motores, atenção e lateralidade. Pedro², o estudante com TEA, recebeu a bola e se apresentou, passando a bola para uma colega que estudava com ele na escola regular. As demais atividades tiveram o objetivo de relembrar o conteúdo iniciado no semestre anterior, que nem ele e nem eu estávamos presente, mas que com poucas explicações dos professores, foram executadas com facilidade.

Na semana seguinte, durante as atividades de leitura das músicas que trabalhamos naquele semestre, Pedro começou a ter atitudes repetitivas querendo abraçar com frequência os colegas. Achemos que fazia parte da personalidade dele, já que foi carinhoso desde o primeiro contato, e não demos muita atenção a essa movimentação naquele momento.

Buscamos manter uma rotina na estrutura, mesmo que com atividades diferentes. Em outro momento, trabalhamos a improvisação com os nomes na qual o Pedro teve dificuldade. Precisamos explicar por diversas vezes a atividade para que ele conseguisse executar. Essa atividade não prendeu a atenção dele, que começou a se distrair e a querer abraçar os colegas novamente. Tivemos alguns problemas com a questão do abraço porque algumas alunas começaram a ficar incomodadas com a frequência. Pedro, então, começou a abraçar como forma de brincadeira, tornando difícil a execução das tarefas. Cipriano; Almeida (2016, p 82) nos indicam que crianças com TEA “podem apresentar comportamento característico de rigidez, repetição de movimentos e escolhas, baixa atividade exploratória (brincar empobrecido), baixo potencial imaginativo nas atividades ligadas ao brincar, com déficit no comportamento social”.

Nos planejamentos seguintes, pensamos em atividades em que a interação fosse mais efetiva, como cantigas de roda, canto em grupo, exercícios rítmicos etc. Algumas dessas atividades foram mais aceitas por esse estudante, como a música “Funga Alafia”, cantiga de roda da cultura africana que envolve movimento corporal, música e atenção. Outra atividade com grande aceitação foi “Pa-tum-pa, Tum-pa-tum”, uma atividade em que dois grupos são separados. O primeiro grupo toca seu instrumento rítmico de altura não definida quando se canta “pa” e o outro grupo, da mesma forma, quando se canta “tum”.

² nome fictício.

O estudante Pedro adorava o relaxamento, momento em que a todo fim de aula colocávamos uma música relaxante para desaceleração, sempre atreladas a alguma atividade como uma chamada “marionete”. Nela, o aluno deita no chão e imagina uma linha em seus membros, como se fosse uma marionete. A partir dessas linhas imaginárias, o aluno se movimenta como se estivesse sendo conduzido pelo marionetista - representado pelo professor. As atividades lúdicas são fundamentais para o desenvolvimento da criança com TEA (CIPRIANO; ALMEIDA, 2016 p 85).

Em uma das aulas desse semestre, as crianças puderam experimentar o instrumento bateria. Todos os alunos, inclusive o Pedro, adoraram. Para ele, a dificuldade era aguardar sua vez para tocar novamente devido a sua excitação com a atividade. Ele sempre tinha disposição maior quando era para tocar algum instrumento. Antes de iniciarmos o semestre, sua mãe nos enviou um vídeo em que ele tocava uma criação ao piano. Essa criação nos foi apresentada por esse aluno em outra aula.

No entanto, no decorrer do semestre e mais integrado ao grupo, o estudante Pedro queria abraçar seus colegas com muita frequência, quando tínhamos dificuldade de contornar e voltar ao foco da aula. Mesmo nos aportando das teorias sobre o estudante com TEA, na prática, deparamo-nos com uma realidade diferente. Se em crianças neurotípicas não podemos generalizar um grupo de estudantes porque cada um tem um perfil diferente, ao se tratar de uma pessoa com TEA isso se torna ainda mais complexo. Cada estudante tem necessidades muito diferentes e cada qual com características específicas (ASNIS; ELIAS 2019). A estudante que era sua colega de classe na escola regular apontou que ele tinha a mesma atitude na escola e que a professora havia negociado com a classe um abraço coletivo no início e no fim da aula, porém esses abraços não poderiam se repetir no decorrer das atividades.

No início de uma das aulas, sem apontar o motivo, negociamos com a turma esses abraços coletivos e todos aceitaram prontamente. Em algumas aulas, ocorreu tudo bem; em outras, voltaram a se repetir os abraços e alguns alunos começaram a imitar e incentivar essas atitudes repetitivas. Isso fez com que nós, professores, tivéssemos uma roda de conversa sobre a importância de respeitar as diferenças e que não era legal debochar

do que era diferente. Essa conversa foi muito importante para que as alunas que se incomodavam com os abraços respondessem que não era hora de abraço e que os alunos que o imitavam não o fizessem mais.

Após algumas semanas, mesmo com a turma lidando melhor com os abraços, chamamos a mãe do Pedro para conversar sobre essas atitudes. Ela nos orientou a sermos mais firmes, repreender, quando necessário, e que uma alternativa seria separá-lo em alguns momentos para que se acalmasse e mudasse o foco para outra atividade. Assim foi feito. Como ele tinha disposição a executar instrumentos, em alguns momentos, levávamos a outra sala para tocar xilofone e/ou instrumentos de pequena percussão. Para Cipriano; Almeida (2016, p 89) “explorar os instrumentos musicais é um canal muito bom para se trabalhar a atenção, interesse e potencial exploratório desses objetos através dos sons que cada instrumento faz (como tambor, teclado, maracas, pandeiro, xilofone, entre outros)” .

Dentro das aulas, sempre tomamos cuidado especial com uso de instrumentos com timbres mais estridentes. Durante um ensaio para a apresentação da atividade “Pa-tum-pa, tum-pa-tum”, Pedro ficou muito irritado e foi para frente do espelho que havia na sala e começou a gritar consigo, falando frases como: “Para!”, “Hoje você está muito barulhento!” e “Para de me incomodar!”. Muitas pessoas com o TEA se queixam da sensibilidade aguda ao som. Em alguns casos severos, pessoas podem ter atitudes autolesivas - como bater no ouvido quando escutam algum tipo de som - timbres, ruídos, volumes etc. (BIRKENSHAW-FLEMING, 1993). Imediatamente paramos essa atividade.

Durante nossas reuniões/planejamentos, achávamos que Pedro estava tendo boa interação com os estudantes neurotípicos, mas que estava tendo baixa absorção dos conteúdos musicais. No dia da apresentação, ele cantou todas as músicas e, inclusive, reconheceu um erro de execução da atividade “Pa-tum-pa, tum-pa-tum”. Santos (2018 p 53), nos indica que há

(...) facilidade dos indivíduos autistas em reproduzir cantando ou tocando aquilo que ouvem, aparentando uma habilidade diferenciada para o aprendizado musical, além de demonstrarem uma memória extraordinária, a ponto de ouvirem uma canção e terem a capacidade de reproduzi-la muito tempo depois, após tê-la escutado uma única vez. A capacidade para

compreender as qualidades afetivas da música também está, aparentemente, preservada nesses indivíduos.

Conclusão

A interação social foi um objetivo alcançado, pois o estudante com TEA participou de quase todas as atividades em grupo planejadas e promoveu dentro da turma, mesmo que muito jovens, a discussão sobre a importância de entender as individualidades humanas e como podemos nos adaptar e nos ajudar para atingir um resultado.

A música funcionaria como um agente sonoro ativador de afetos que circulam entre os membros do grupo durante a prática musical, ou seja, a interação no grupo é facilitada pela emoção propiciada pela experiência musical. Nessa interação motora e afetiva por meio da prática musical conjunta, outras experiências são desenvolvidas e compartilhadas como o aprendizado musical por imitação, a sincronização e a comunicação não verbal (SANTOS, 2018, p 59).

Além disso, os professores, ampliaram seu olhar sobre a formação buscando um conhecimento mais abrangente sobre música e inclusão em diversas áreas e, mesmo que minimamente, preparados para as mais diversas realidades do ensino. Mesmo assim, cabe à universidade repensar seu currículo dando ferramentas para nós, futuros formados, que estaremos à frente da educação nos próximos anos.

Referências

ASNIS, Valeria Peres; ELIAS, Nassim Chamel. *Ensino de música para as pessoas com o transtorno do espectro do autismo*. São Paulo: Editora Cortez. 2019.

BIRKENSHAW-FLEMING, Lois. *Music for all: Teaching music to the people with special needs*. Ed 1. Toronto: Alfred publishing co., 1993.

CIPRIANO, Morena Sampaio; ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro de. O brincar como intervenção no transtorno do espectro do autismo. *Extensão em Ação*. Fortaleza, v. 2, n. 11, p 78-91, JUL./OUT. 2016.

FIGUEIREDO, Camila Fernandes. *A aprendizagem musical de estudantes com autismo por meio da improvisação*. Dissertação de mestrado, UFPR. Curitiba, 2016.

LOURO, Viviane dos Santos. Jogos musicais, Transtorno do Espectro Autista e Teoria da Mente: um relato de experiência. In: Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais , 2014, Campinas. *Anais...* Campinas: SIMCAM, 2014. p 343-350.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. *Autismo: guia prático*. Ed. 6. São Paulo: AMA; Brasília: Corde, 2017.

PENDEZA, Daniele Pincolini; DALLABRIDA, Iara Cadore. Relações entre educação musical e transtorno do espectro autista no cenário brasileiro. *Educação, artes e inclusão*. Santa Maria, v. 14, n. 3, p 111-133, JUL./SET. 2018.

SANTOS, Claudia Eboli Corrêa. *A música como ferramenta de desenvolvimento para crianças autistas: um estudo na interface da musicoterapia com a educação musical à luz dos conceitos de Vigotski*. Tese de doutorado, UNIRIO. Rio de Janeiro, 2018.